

## **Ser breve**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

*Seja qual for o seu conselho, seja breve. - Horácio (65 a.C.)*

Mais uma vez recebo um e-mail da nossa simpática Elaine, secretária de redação do Caderno, na segunda pela manhã, alertando-nos para o feriado no meio da semana e a necessidade imperiosa de adivinhar em que mood os leitores estarão, dentro de seis ou sete dias, para lerem estas bem-traçadas linhas. (Creio não precisar explicar que, hoje, com computador, nenhuma bobagem que se escreva – em Times New Roman ou Baskerville Old Face – é, mais, mal-traçada)

Sempre me preocupou esta sina do jornalista hebdomadário. Mais do que a do mensal. Ninguém espera ler, em Claudia ou Piauí, sobre o que aconteceu na semana passada; mas pobre do comentarista esportivo que contou como feijões contados a classificação do Flamengo, no Maracanã, contra aquele time do México (que, enquanto escrevo isso, é capaz – ou não – de desclassificar o Santos...) Pode perder o emprêgo. Quando trabalhei em VEJA (acreditem, meninos, fui o primeiro publisher daquela vetusta revista, no tempo do Mino Carta), todos íamos dormir, na sexta-feira, rezando para que nada, nada mesmo, acontecesse no fim de semana... Creio que até hoje é assim.

Semana passada, escrevia neste espaço sobre o querido amigo Paulo Alberto, Artur da Távola, que cedo nos deixou, no início do mês, e as coisas que me ensinou. Durante vários anos, encontrava-o na redação d'O Globo, no tempo da máquina de escrever, e dizia-me, entre divertido e resignado: eu já estou pensando – sobre qualquer assunto – em duas laudas!

Quando comecei a escrever para este caderno, tinha direito a 4.500 toques – que eram, na época, as duas laudas do Paulo Alberto. Esforçava-me para ser sucinto, quando, de repente, um dos novos editores cortou um terço da minha liberdade de expressão. Achei que jamais conseguiria tratar coerentemente do que quer que fosse, até me acostumar. Hoje, são 3 mil toques e, às vezes, depois de 2,5 mil já não tenho mais o que dizer.

Meu pai, um dia, impressionou-me bastante, com uma citação do padre Antonio Vieira – de quem ele possuía uma alentada coleção completa dos Sermões: Irmãos, serei longo, hoje, porque não tive tempo de ser breve. Uma anedota que é o extremo oposto desta, sem implicar qualquer juízo de valor inverso, ocorreu com o grande Austregésilo de Athayde, a quem convidamos, uma vez – já nonagenário -, na ESPM do Rio, para proferir a aula inaugural. Ele começou perguntando: Vocês estão todos confortavelmente sentados? É que eu tenho muita coisa a dizer e vou falar bastante! E passou a encantar-nos a todos durante uma hora inteira.

O presidente americano Roosevelt - que a distância no tempo e a deficiência física tornam simpático - costumava receber as pessoas com uma frase que era quase o contrário perfeito da de Athayde: - Sente-se, fique confortável e seja breve.

A esta altura, imagino que você, leitor, esteja curioso. Não fique: até o final desta frase, digitei 2.977 toques. Só faltam uns 30 para o artigo estar pronto. Tenha uma ótima semana.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=60&ID=463>>. Acesso em: 29 jul. 2009